

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA  
O MUNDO SECRETO DE SERGUEI PARADJANOV  
24 e 29 de Março de 2025

## NATALIA UJVI / 1959

Realização: Serguei Paradjanov / Argumento: Iukhim Martitch / Fotografia: Valentina Tichkovets / Cenografia: Mikhail Gantman / Som: Guiorgui Salov / Voz (narração): Anatoli Rechetnikov / Com: Natalia Ujvi.

Produção: Estúdio Dovjenko e Estúdio de Televisão de Kiev (URSS-Ucrânia, 1959) / (URSS-Ucrânia, 1959) / Cópia: em DCP (suporte original em 35mm), preto e branco, versão russa legendada electronicamente em português / Duração: 35 minutos / Primeira exibição na Cinemateca.

## UKRAINSKAIA RAPSODIIA / 1961

*“Rapsódia Ucrâniana”*

Realização: Serguei Paradjanov / Argumento: Oleksandr Levada / Fotografia: Ivan Chekker / Montagem: Marfa Ponomarenko / Direcção Artística: Mikhailo Rakovski / Música: Platon Maiboroda / Som: Nina Avramenko, Sofia Serguienko / Interpretação: Olga Reus-Petrenko (Oksana), Evguenia Mirochnitchenko (voz de Oksana nas canções), Eduard Kochman (Anton), Iuri Guliaev (Vadim), Natalia Ujvi (Nadejda Petrovna), Oleksandr Hai (Valner), Valeri Vitter (Rudi), Stepan Chkurat (avô de Oksana).

Produção: Estúdio Dovjenko (URSS-Ucrânia, 1961) / Cópia: em DCP (suporte original em 35mm), cor, versão em russo, legendada electronicamente em português / Duração: 78 minutos / Primeira exibição na Cinemateca.

*filmes de Serguei Paradjanov*

---

**Natalia Ujvi** é um retrato da famosa atriz ucraniana com o mesmo nome, que congrega excertos de filmes e de peças nos quais Ujvi foi actriz, comparecendo esta também em **Ukrainskaia Rapsodiia**, o segundo filme da sessão. Este documentário com pouco mais de meia-hora, realizado por Serguei Paradjanov em 1959, alterna ainda os numerosos fragmentos de filmes e de peças com um conjunto de eventos públicos em que a artista participou. Encontramo-la assim a depositar flores num memorial ao soldado desconhecido, ou recebendo um conjunto de amigos que a felicitam, entre os muitos elogios que recebe pelos seus quarenta anos de carreira que, no fundo, são a razão de ser do filme. Mas este é também o retrato de uma actriz com origens numa família de origens humildes, que conquistou a celebridade com o seu talento e trabalho, cuja história rima assim com a da protagonista de **Ukrainskaia Rapsodiia**, filme terminado dois anos depois. Como escreveu Patrick Cazals, autor de uma monografia sobre o cineasta: “Paradjanov adopta mais uma vez o esquema tradicional das histórias de vida edificantes, caras à ortodoxia da cultura comunista (...) Natalia é a artista patriota oficial, respeitada por todos, em que vamos em família aplaudir os seus sucessos no ecrã e no teatro. Paradjanov misturou as cenas dos filmes e a as cenas teatrais reinterpretadas em estúdio para este propósito. Consegue assim criar a sua

própria dramaturgia numa sucessão de olhares dolorosos e de sequências em que se desenham e redesenham os múltiplos conflitos.”

Recorrendo a imagens de arquivo, reencenando outras (o próprio Paradjanov tem em **Natalia Ujvi** uma breve e discreta aparição), ou documentando com alguma exaustividade as festividades associadas à celebração da vida em cena da actriz, Paradjanov responde a uma encomenda de modo bastante convencional, característica que se ausentará dos seus filmes mais conhecidos, vários deles realizados também como resposta a comemorações de foro oficial, como as homenagens à obra de dois grandes escritores que estão na base de **Tini Zabutikh Predkiv** / “**Cavalos de Fogo**” ou “**Sombras dos Nossos Antepassados Esquecidos**” (1965) e de **Sayat-Nova – Tsvet Granata** / – **A Cor da Romã**” (1969). É importante notar que todos os documentários de Paradjanov, incluindo **Natalia Ujvi**, versam invariavelmente sobre o trabalho de artistas das mais variadas áreas, apresentando em diferentes graus uma contaminação do documentário pela ficção (ou pela encenação): **Dumka** (1954), que mescla claramente estes dois géneros parte de um retrato do conhecido coro ucraniano com o mesmo nome, **Zoloti Ruki** / “**Mãos de Ouro**” (1957), aborda o trabalho de um conjunto de artesãos e, nas décadas de sessenta e oitenta, já afastado da “produção ucraniana”, Paradjanov dedicará dois filmes à pintura de Hakob Hovnatanian e de Niko Pirosmiani, dois artistas que muito admirava.

**Ukrainskaia Rapsodiia** é a terceira longa-metragem de Paradjanov. Sucedendo a **Andriech** (1954) e a **Pervii Paren** (1958), revela-se o seu mais ambicioso projecto até à data, o que é em grande parte ditado pelo tema do filme: um melodrama vivido durante a Segunda Guerra Mundial, em que encontramos o protagonista masculino no meio dos escombros de uma cidade destruída (Kaliningrado, no filme em substituição de uma cidade alemã), situação que encontra óbvios ecos na realidade presente, com a ocupação de parte da Ucrânia pela Rússia, e a sua actual destruição por uma guerra que já se prolonga há muitos anos. O argumento de Oleksandr Levada sobre uma jovem cantora ucraniana que se torna famosa internacionalmente e que é separada do homem que ama durante a guerra, anuncia as conturbadas histórias de amor de Paradjanov. Das ruas de Paris, onde encontramos Oksana, aos campos em ruínas, este é um melodrama contado em fragmentos em que Oksana (Olga Reus-Petrenko) e Anton (Eduard Kochman) são mais um dos pares que encarnam os “amores frustrados”, tão caros ao excesso de Paradjanov, pois o sucesso da artista na Europa não faz com que esqueça o seu amor, que partiu para a frente de batalha, onde foi ferido e preso.

É importante notar que o próprio Paradjanov tem um passado de músico, tendo estudado música no conservatório, antes de estudar cinema no VGIK, em Moscovo, sendo este um universo que conhece bem. E, como sabemos, a música terá um papel determinante no seu cinema, não apenas no domínio da exploração de uma multiplicidade rítmica, como numa apurada selecção musical que fará a ponte entre vários tipos de música e de culturas (os seus últimos filmes são um claro exemplo disso). Aqui temos a *Ave Maria*, de Schubert, com o protagonista a refugiar-se numa igreja em ruínas da Alemanha nazi ao ouvir uma criança a cantar, um dos momentos mágicos de **Ukrainskaia Rapsodiia**. Schubert cruzar-se à mais tarde no trabalho de Paradjanov com Gluck, mas também com um trabalho de foro etnográfico em torno de vários géneros musicais, como a música azeri, presente em **Achik-Keribi** (1988), o último filme que o cineasta conseguiu terminar, centrado na figura de trovador, que protagoniza mais uma história de amor contrariado.

Citamos James Steffen no que respeita à recepção do filme na época da sua estreia: “como **Pervi Paren**, a primeira longa-metragem que realizou a solo, **Ukrainskaia Rapsodiia** é um filme que teve um bom acolhimento do público em geral, mesmo se não conquistou reconhecimento crítico. De acordo com Joshua First teve cerca de vinte milhões de espectadores na União Soviética, um número respeitável para o Estúdio Dovjenko” e “tal como outros filmes soviéticos sobre a guerra, nomeadamente “**O Destino de um Homem**” (*Sudba Cheloveka*, Serguei Bondarchuk, 1959) e “**Paz a Quem Entra**” (*Mir Vkhodiashchemu*, de Aleksandr Alov e Vladimir Naumov, 1961), oferece uma representação simpática dos prisioneiros de guerra soviéticos e do povo alemão comum”.

E se esta “rapsódia ucraniana” se aproxima dos modelos então vigentes do cinema soviético, também os ultrapassa de um modo extremamente inventivo, como acontecia no filme anterior de Paradjanov, o musical **Pervii Paren** (que poderemos ver por estes dias), que, embora apresentado como um produto do realismo socialista, subverte os seus *clichés*, destacando-se também pela sua exuberância visual. **Ukrainskaia Rapsodiia** recorre a um elaborado conjunto de *flashbacks* que, como refere ainda Steffen, não fariam parte do argumento original, resultando muito provavelmente do trabalho que Paradjanov desenvolve aqui, e que desenvolverá no futuro, com a montadora Marfa Ponomarenko, uma das suas colaboradoras mais recorrentes ao longo dos anos que se seguem.

Mas o filme mostra também Parajanov a enveredar pelo lirismo visual que já encontramos em **Andriech** e que anos mais tarde viria a enformar **Tini Zabutikh Predkiv/“Cavalos de Fogo”**, a primeira obra em que Paradjanov desenvolve em pleno esta vertente do seu cinema, ao mesmo tempo que revela algum do excesso que conferirá à sua obra uma atmosfera algo barroca. Há em **Ukrainskaia Rapsodiia** imagens de grande beleza, em que as cores e a composição conferem um suplemento de grandeza a um melodrama que se transfigura pela força visual, em que a paisagem em ruínas ganha destaque. Reencontramos os magníficos tons azuis e avermelhados de **Andriech**, mas também se antecipa o “vermelho” de “**Cavalos de Fogo**”, que comparece nos momentos em que os planos se tingem totalmente de vermelho, adquirindo tal monocromatismo um simbolismo claro. Uma história de amor em tempo de guerra, como tantas outras, mas em que os usos improváveis da cor num filme eminentemente narrativo, que recorre ainda a outros efeitos e motivos que o aproximam da abstracção (as sobreposições, os desfoques, as imagens liquefeitas), anunciam a “poesia selvagem” de **Sayat-Nova – Tsvet Granata / “A Cor da Romã”**. Como as linhas férreas que se cruzam e bifurcam, regressando várias vezes no filme, Paradjanov continuará assim o seu caminho, e a História também.

Joana Ascensão